

PASSAGEIRO DO FIM DO DIA, DE RUBENS FIGUEIREDO: CIDADE FRAGMENTADA

Thais de Carvalho Sabino*

Resumo:

Já no final do século XIX e início do XX, a cidade do Rio de Janeiro passa por um processo perverso de mutação em prol de um "progresso" que, como menciona Renato Cordeiro Gomes, em *Todas as cidades*, a cidade, mostra-se como uma "barbárie investida de civilização." (GOMES, 2008, p.102). Na configuração atual da cidade, a destruição e o deslocamento geográfico tornam-se consequências de uma incompatibilidade com o cenário imposto por uma minoria que, em nome de uma expansão e modernização predatória, modifica a fisionomia da metrópole. Em minha reflexão, pretendo pensar o adensamento dessa problemática, através de um diálogo com o texto literário de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia*, em que esse aspecto mencionado é apreendido a partir de uma relação quase poética entre o cronista-em-trânsito Pedro e a cidade na qual se encontra inserido. Um olhar que consegue fragmentá-la, visualizando as várias cidades presentes nela e sendo capaz de tirar o véu que impossibilita parte da sociedade de compreender sua realidade.

Palavras-chave: modernização predatória, deslocamento geográfico, cidade fragmentada.

1 Introdução

Em minha reflexão, pretendo pensar a relação existente entre a política predatória capitalista, presente no Rio de Janeiro desde a Primeira República até a contemporaneidade, e o deslocamento geográfico dos indivíduos excluídos desse sistema, através de um diálogo com o texto literário de Lima Barreto, Marques Rebelo e Rubens Figueiredo.

No primeiro capítulo, buscarei mostrar a relação entre o deslocamento de significado da palavra subúrbio no Rio de Janeiro e o contexto social carioca no final do século XIX e início do XX. Será utilizado como suporte para a análise o livro de Nelson da Nóbrega Fernandes, *O rapto ideológico da categoria subúrbio* (2011).

Na segunda parte do trabalho o foco de interesse desloca-se para a questão da segregação sócio espacial presente na cidade carioca, durante o período das reformas urbanísticas iniciadas na República Velha, sobretudo na época de Pereira Passos, e sua conexão com o afastamento geográfico dos sujeitos excluídos desse processo. Para isso, revisitarei as obras de Lima Barreto, *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (2012), e Marques Rebelo, *Marques Rebelo* (2004). Como suporte teórico, consultarei o texto da Jane Santucci, *Cidade Rebelde: as revoltas populares no Rio de Janeiro no início do*

* Graduada em Letras português-inglês pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

século XX (2008) e o texto de Renato Cordeiro Gomes, *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana* (2008).

Ao final de minha análise, mostrarei a resistência e o adensamento dessa problemática na contemporaneidade, através do diálogo com a obra de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010). Como embasamento teórico, utilizarei o texto de Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, *Os (não) adaptados: a experiência urbana na obra de Rubens Figueiredo* (2014).

2. O conceito carioca da palavra subúrbio:

Até o final do século XIX, a palavra subúrbio desconsiderava qualquer aspecto depreciativo, absorvendo apenas o significado de zona periférica da cidade, sendo um local muitas vezes associado à aristocracia. Somente a partir do século XX, a categoria subúrbio passa a tornar-se um objeto de “raptó ideológico” no Rio de Janeiro, como menciona Nelson de Nóbrega Fernandes (2011, p.48), apresentando o conhecido conceito carioca da palavra.

Procurando o significado da categoria subúrbio ao longo do século XIX em diversos discursos sobre a cidade do Rio de Janeiro, encontramos aquela representação genérica das circunvizinhanças da cidade, não havendo, por outro lado, sua identificação com uma condição de desprestígio social. Muito ao contrário, o subúrbio estava associado à aristocracia e a uma vida ativa e social. (FERNANDES, 2011, p. 53).

O surgimento do conceito carioca da palavra coincide com o momento em que a cidade passa por um processo predatório de modernização, em que a “alma encantadora” das ruas vai se desconfigurando e se estilhaçando, ameaçada pela “fúria urbanística” (título da crônica de Marques Rebelo), inspirada pelo sistema republicano, que substituíra o sistema monárquico, visto como atraso para o progresso da vida nacional.

A mudança repentina do conceito da palavra subúrbio acompanha as mudanças espaciais que transfiguram, portanto, o cenário carioca, que passa a acomodar em seus arrabaldes, em vez de importantes representantes da Corte, os membros das classes sociais rejeitadas pela cidade e pelo novo sistema político, sendo vista como “refúgio dos infelizes” (BARRETO, s.d, p.110). Nelson da Nóbrega Fernandes menciona em seu texto o completo descaso da política republicana para com essa região, expresso através da forma como esse regime passa a olhar o subúrbio carioca.

Ele deveria ser o lugar do proletariado, mas, com a importante exceção do período Hermes da Fonseca, não houve qualquer iniciativa de viabilizar tal conquista e, muito menos de produzir um sentido de integração política e ideológica em uma comunidade urbana composta por cidadãos. Bem representativo desta postura depreciativa e humilhante para com o subúrbio proletário foi o uso do termo Mato Grosso por Pereira Passos, que assim alimentou um imaginário em que esta parte da cidade era pensada como um sertão incivilizado. (FERNANDES, 2011, p. 152).

É nesse contexto, em meio às reformas urbanas da primeira república, coordenadas sobretudo pelo prefeito Pereira Passos, que Lima Barreto e Marques Rebelo irão, em seus textos, denunciar as mazelas por detrás de todo um suposto progresso e modernização da cidade, mostrando um regime pautado por uma injusta distribuição dos investimentos públicos e uma falsa ideia de democracia.

3 A segregação sócio espacial e a política predatória

Lima Barreto, no início do século XX, já apontava para a presença do deslocamento de significado da palavra subúrbio, percebendo o quanto esse conceito distanciava-se de seu significado tradicional, estando associado aos bairros ferroviários e populares da cidade do Rio de Janeiro.

O jardim, de que ainda restavam alguns gramados amarelcidos, servia de coradouro. Da chácará toda, só ficaram as altas árvores, testemunhas da grandeza passada e que davam, sem fadiga nem simpatia, sombra às lavadeiras, cocheiros e criados, como antes o fizeram aos ricos que ali tinham habitado. (BARRETO, 2012, p. 155)

Com isso, a associação do subúrbio à imagem do desprestígio social e do lugar daqueles que estão à margem, excluídos do processo de modernização e urbanização da cidade carioca, torna-se a representação exclusiva absorvida pela sociedade, estando relacionada a um contexto de segregação sócio espacial presente na época.

A partir desse momento, uma política discriminatória inicia-se com a finalidade de enterrar o Rio antigo, a cidade colonial, transformando-a em uma cópia da capital francesa. Uma nova área central é construída sobre as ruínas da cidade antiga, expulsando e ocultando tudo e todos que não se enquadravam nesse novo contexto e representavam um atraso na remodelação desses novos tempos.

Para que passasse – é um exemplo – a grandiosa Avenida Presidente Vargas, primeiramente derrubaram a igreja da Imaculada Conceição e a de São Domingos; nem os católicos reclamaram muito, nem a Cúria, eles crentes de que se tratava de progresso – e o progresso é natural, como canta o sambista -, ela satisfeita com os bagarotes das desapropriações, no fundo, um dez-réis de mel

coado. Depois, pouco adiante, outras duas velhas igrejas desapareceram, vítimas dum vandalismo que poderia ser evitado [...]. (REBELO, 2004, p. 23).

O quadro apresentado por Marques Rebelo retrata o que ele caracteriza como “fúria urbanística”, oriunda de um vandalismo sem sentido e que modifica toda a fisionomia da cidade, que tentava resistir ao apagamento de sua história e à mutação perversa que se instaurava.

[...] onde quer que se encontrem, os numes da Lapa por certo vigiam e protegem a sua obra. E sejam suficientemente poderosos para impedir que a larga avenida projetada e que já sacrificou tantas ruas, becos e vielas desrespeite a pedra e a dignidade da Lapa, onde o Rio de Janeiro cresceu e viveu tão intensamente. (REBELO, 2004, p.38).

O retrato apresentado na crônica de Marques Rebelo revela a fúria demolidora que se mostra como um reflexo dessa “barbárie investida de civilização” (GOMES, 2008, p.102). Com isso, o Rio antigo, que tentava resistir a todo esse processo, ia tornando-se apenas objeto do passado e da memória de vozes dissonantes que, como Rebelo, opunham-se às modificações predatórias que fragmentavam a cidade.

Marques Rebelo, assim como o narrador Marco Polo, de *Cidades invisíveis* (1990), se utiliza da memória como forma de direcionar a leitura da cidade. “Essa cidade que não se elimina da cabeça é como uma armadura ou um retículo em cujos espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar [...]” (CALVINO, p. 21).

Em Marques Rebelo, a cidade que ele deseja recordar é a sua cidade afetiva, aquela que ia tornando-se desbotada com a fúria do progresso. Sua intenção talvez não fosse a de relembrar o que existiu no passado, mas sim tentar resgatar o que estava fadado ao apagamento pela sociedade moderna.

As contradições, portanto, pulsavam por detrás da imagem de “cidade maravilhosa”, ou cidade vitrine, que o Estado tentava implantar, tendo a rua e os subúrbios como palco dinamizador dessas antíteses. “Vocês querem fazer disto um Paris em que se chegue sem gastar a importância da passagem ao mesmo tempo ganhando dinheiro, e esquecem de que o deserto cerca a cidade, não há lavoura, não há trabalho enfim...” (BARRETO, 2012, p. 174).

Pereira Passos, prefeito durante esse período, não só comandou uma política de abandono, como também criou e buscou difundir uma imagem de desmoralização dessas regiões. Não havia, de sua parte e dos representantes da República Velha, qualquer iniciativa de integrar, política e ideologicamente, os cidadãos pertencentes ao subúrbio. O prefeito expressa assim um espírito que acompanha desde então a cidade carioca,

materializado pela necessidade de criar distinções e hierarquias. Isso poderia servir de justificativa para o deslocamento, em termos de conceito, da palavra subúrbio e para a resistência dessa ideologia.

A demolição de cortiços e a falta de investimentos habitacionais foram alguns fatores que contribuíram com o deslocamento geográfico dos indivíduos miseráveis, que não tiveram escolha a não ser se espalharem pelos morros e subúrbios. É nesse momento que as favelas e os bairros populares surgem, mostrando-se como outra cidade dentro da própria cidade, com autonomia e leis próprias.

As rebeliões que ocorreram nesse período, nas quais muitos destruíam tudo aquilo que transmitia a imagem do progresso, surgem como consequências da revolta em relação ao não pertencimento àquela realidade imposta. “A cada passo no centro, erguiam-se barricadas e trincheiras usadas pelos populares para atacar as forças policiais” (SANTUCCI, 2008, p. 66).

Por conseguinte, enquanto de um lado já era possível observar as belas avenidas e arquiteturas modernas, do outro transparecia toda uma área precária e abandonada, constituída por sujeitos marginalizados, sobrevivendo das migalhas que o progresso lhes concedia.

Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades. Não sei que estranha tenacidade a leva a viver e por que essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável. (BARRETO, 2012, p. 157).

4 O deslocamento geográfico na obra de Rubens Figueiredo

As problemáticas, oriundas de uma política predatória, envolvendo as transformações perversas que fragmentaram sócio e espacialmente a cidade do Rio de Janeiro, no período da República Velha, estabelecem um diálogo com a realidade contemporânea da metrópole carioca, sobretudo a questão do deslocamento geográfico de indivíduos privados de usufruir dos prazeres apresentados pelo sistema capitalista, que dita o padrão ideal de “civilidade” presente nas relações sociais que ocorrem na cidade.

Rubens Figueiredo, através de sua narrativa, *Passageiro do fim do dia* (2010), consegue mostrar não só a persistência dessa questão, como também o seu adensamento. “O tirol quando ela era pequena, tinha a vida de um bairro normal. As pessoas saíam de casa de manhã para trabalhar em construções, em residências de bairros ricos, em condomínios, em lojas, em fábricas.” (FIGUEIREDO, 2010, p. 53).

O bairro Tirol, local para onde o protagonista Pedro já se acostumara a ir todas as sextas, de ônibus, a fim de passar o fim de semana com sua namorada Rosane, figura-se como um bairro periférico de uma grande metrópole na narrativa. Mesmo em seu passado, manifesta-se como um retrato da segregação sócio espacial, em que sujeitos excluídos do sistema capitalista vigente acabam tendo que ir morar em bairros pobres e distantes do centro, por não terem uma oportunidade melhor, e se deslocar com o intuito de trabalhar e ganhar um salário para sobreviver.

A situação precária desses indivíduos que residem nos bairros periféricos não só parece perdurar como também se adensar, bem como observa a personagem Rosane.

As pessoas, nas lembranças de Rosane, pareciam menos pobres do que agora [...] As brigas de soco e de pedradas se transformaram em tiroteios, os revólveres deram lugar a fuzis e depois a granadas. Os homens que vendiam um tipo de droga passaram a vender dois tipos e depois três. Foi instalado, e depois ampliado, um posto de polícia militar mais ou menos na divisa entre os dois bairros, com viaturas grandes na porta. (FIGUEIREDO, 2010, p. 53).

Os confrontos e disputas entre os bairros mais pobres e distantes, representados na narrativa pelo Tirol e pela Várzea, manifestam-se como uma tentativa de se afirmar, de buscar um lugar e uma identidade na sociedade que os coloca à margem, apresentando-se como consequência de todo um processo injusto e excludente.

Os nomes Tirol e Várzea começaram a aparecer nos jornais, na televisão, nos noticiários de crime. Os grupos armados nos dois bairros pareceram crescer e se hostilizavam. Juravam vinganças seguidas. Sem notar, as crianças começaram a aprender aquela raiva desde pequenas. Educavam-se com ela, tomavam gosto e se alimentavam daquela rivalidade. Cresciam para a raiva: aquilo lhes dava um peso, enchia seu horizonte quase vazio – nada senão aquilo fazia delas alguém mais presente. (FIGUEIREDO, 2010, p. 54).

Quem reside nesses bairros distantes, além de ter sido deslocado para longe do Centro, em locais esquecidos pela sociedade e por seus governantes, ainda precisa conviver com condições desumanas de vida.

Muitas casas foram subdivididas e revendidas, e também ampliadas para cima, à medida chegava mais gente para morar. Muitas paredes tinham os tijolos à mostra. No aglomerado de construções novas, mal se podia distinguir as formas das casas originais, que no entanto continuavam lá, como que embutidas na alvenaria recente. As antigas tubulações de esgoto e as fossas de vinte anos antes já não davam vazão, os dejetos às vezes corriam em canaletas descobertas ou onde encontrassem passagem.” (FIGUEIREDO, 2010, p. 36).

A realidade diária desses sujeitos é o reflexo de uma política que, intencionalmente os empurra para o esquecimento, fazendo com que se sintam distantes, não apenas geograficamente, como também socialmente.

Em suma, tudo aquilo – o trabalho, a escola, saber ler e escrever, o centro da cidade, a cidade propriamente dita, com seus bairros e suas atividades oficiais -, tudo pertencia ao mundo que os deixara para trás, que as empurrava para o fundo: era o mundo de seus inimigos. (FIGUEIREDO, 2010, p.56)

Assim sendo, o deslocamento do protagonista Pedro, de seu trabalho no Centro para a periferia, e de todos os que fazem o mesmo trajeto, simboliza uma batalha cotidiana vivenciada por esses personagens marginalizados e em situação de vulnerabilidade social. São sujeitos que precisam sobreviver e existir nesse novo cenário da cidade contemporânea, enfrentando obstáculos diários oferecidos por ela, que se tornam mecanismos de exclusão.

O episódio que ocorre com a amiga de infância de Rosane, no escritório onde ela trabalha, é apresentado pelo autor como uma tentativa de compreender a dinâmica social que fragmenta a cidade.

Aconteceu que ali no escritório, entre as paredes limpas e pintadas e tom pastel, com reproduções de pinturas abstratas penduradas – no meio dos aparelhos eletrônicos novos que zumbiam e piscavam discretos em cima das mesas – sobre o piso do granito reluzente – debaixo das luzes distribuídas de forma calculada por um arquiteto – ali, onde todos sabiam que causas jurídicas complicadas, misteriosas, caras, recebiam os cuidados e atenções mais especializados e onde fortunas trocavam de mão por força de simples assinaturas num documento – ali, sua vizinha e amiga de infância tomou, na mesma hora, um aspecto incômodo, impertinente e quase aberrante aos olhos de Rosane, como aos olhos dos outros. (FIGUEIREDO, 2010, p.61).

As reações da amiga de Rosane são vistas como aberrantes aos olhos dos que pertenciam àquele meio, ela tornava-se um bicho diante deles. Aquele não era o lugar dela, que se sentia, com isso, incomodada nele.

Ao trazer esse acontecimento para a narrativa, Rubens Figueiredo propõe uma leitura crítica acerca das hierarquias sociais existentes na cidade contemporânea e dos conflitos presentes entre esses opostos, como menciona Paulo Roberto Tonani do Patrocínio:

Rubens Figueiredo apresenta um mundo de opostos marcado pelo conflito. Não apenas o relato produzido por Rosane sobre a amiga de infância indica essa percepção e esse modo de leitura da sociedade. É possível afirmar que todos os personagens e histórias são pontuados por esse movimento de colisão de sujeitos. (PATROCÍNIO, p.104).

Portanto, através dos relatos de Rosane e do olhar crítico do cronista em trânsito, Pedro, está a tentativa de compreender uma cidade estilhaçada, em que os extremos são marcados pelo conflito e os “não adaptados” ao sistema empurrados para o fundo, sendo esquecidos e tendo que lutar diariamente para sobreviver.

Pedro lembrou-se do lugar a que o livro se referia, o lugar onde ficava a tal fazenda silenciosa em que os escravos cantavam de manhã. Era agora uma aglomeração de casas pobres que se derramavam desde a metade de uns morros áridos e quase sem vegetação até as margens de uma estrada de tráfego intenso. (FIGUEIREDO, p. 40).

Conforme Pedro vai se deslocando e se afastando do centro da metrópole para o Tirol, o cenário vai se transformando, mostrando um quadro que já se faz presente desde o início do século XX, e se mantém ainda na contemporaneidade, fazendo-nos questionar a complexidade e a persistência dessa problemática e de sua ocorrência nas obras literárias brasileiras.

5 Considerações finais

Ao final deste trabalho foi possível observar como a cidade do Rio de Janeiro foi vítima de um processo perverso de mutação em prol de um suposto progresso vendido pelos mecanismos de controle vigentes na nossa cidade.

O deslocamento geográfico dos sujeitos excluídos do processo de modernização tornou-se, portanto, consequência de uma incompatibilidade com o cenário imposto por essa política predatória, que os coloca à margem e modifica a fisionomia da metrópole, fragmentando-a e estilhaçando-a.

As ruas e os subúrbios acabam configurando-se como palco desse cenário de miséria e esquecimento, que se opõe e entra em conflito com a imagem de “cidade maravilhosa” vendida pelo regime que se encontra no poder.

Todos esses aspectos foram captados através do olhar de personagens criados por vozes dissonantes que, como Lima Barreto, Marques Rebelo e Rubens Figueiredo, souberam fazer uma leitura das várias cidades presentes dentro de uma mesma cidade, sendo capazes de retirar o véu que impossibilita a sociedade de compreender a sua realidade e de fazê-la questionar a respeito da resistência de uma política predatória que segrega e exclui.

Referências bibliográficas

- BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaias Caminha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. De Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858/1945*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- FIGUEIREDO, Rubens. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: Literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Marques Rebelo*. São Paulo: Global, 2004. (Coleção melhores crônicas).
- PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani. *Os (não) adaptados: a experiência urbana na obra de Rubens Figueiredo*. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRÓ, Ettore. *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014.
- SANTUCCI, Jane. *Cidade rebelde: as revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.